

## A Representação da Paisagem pela Fotografia

Duarte Belo

não te disse ainda como me encontrei à beira dos mares  
sem a sensação de susto e o temor do lugar infinito

*Vasco Gato*

Um homem propõe-se a tarefa de desenhar o mundo. Ao longo dos anos povoa um espaço com imagens de províncias, de reinos, de montanhas, da baías, de navas, de ilhas, de peixes, de quartos, de instrumentos, de astros, de cavalos e de pessoas. Pouco antes de morrer descobre que esse paciente labirinto de linhas traça a imagem do seu rosto.

*Jorge Luis Borges*

O conjunto de fotografias apresentado foi integralmente feito em Portugal ao longo de cerca dos últimos dez anos. Dos aspectos mais relevantes de uma recolha contemporânea da paisagem gostaria de destacar, por um lado, o objectivo documental, com o fim da fixação de uma memória colectiva, uma visão neutra da paisagem em múltiplos aspectos da sua aparência visível, por outro, e indissociável do carácter documental, uma visão interpretativa dessa mesma realidade (partamos, pois, do princípio que não há um olhar estritamente objectivo, conforme nos demonstra a própria história da Fotografia de que a paisagem foi, desde os pioneiros, um dos temas fundamentais). É sobre estes dois aspectos que procuro elaborar a sistematização de uma recolha, cada vez mais aprofundada, sobre múltiplos aspectos da paisagem portuguesa contemporânea.

Sem dúvida de que não nos podemos afastar de um olhar dos nossos dias sobre o mundo que nos rodeia. Assim, se por um lado o lugar natural pode representar um dos extremos da minha pesquisa, por outro, o mundo urbano e as transformações recentes do território em toda a complexidade, constituem o extremo oposto. Por lugar natural quero significar aquele em que é praticamente nula a intervenção humana (o que em território português dada a densidade populacional, a geografia e a história, são difíceis de encontrar troços de paisagem que não tenham sido objecto de transformação). O que mais me seduz neste território, na ausência da presença humana, é o tentar perceber que fascínio exerce a terra e, provavelmente, sempre exerceu, sobre quem a olha, sobre o viajante, ou sobre

quem, em tempos muito recuados, aí terá chegado na procura de um local para habitar. Há um olhar significativo, decodificador, depois o enunciar de um desejo de transformação de um habitat num espaço habitado. Os mais antigos espaços arqueológicos revelam já esse desejo que, com o passar dos milénios, dos séculos, se vai tornando mais evidente. Do Paleolítico chegam-nos os vestígios de acampamentos, a ocupação de grutas, marcas escassas devido à reduzida capacidade de transformação do habitat. As gravuras e o Vale do Côa representam já a relação, do carácter de certa forma mágico, da paisagem com a necessidade da sobrevivência pela caça. Com o neolítico surgem, no território hoje Portugal, numerosas construções de carácter funerário e o enunciar de uma arquitectura. Desde esse período que a fixação de populações é um dado adquirido. Nas idades dos metais encontramos uma ideia elementar de aldeia, de aglomerado urbano. São passos de evolução dados no sentido da organização da sociedade que, mais tarde, viria a dar início à ideia de Estado Nação, tal como hoje a concebemos e, com ela, a necessidade de ocupar/colonizar, de uma forma perene, todo o espaço de um país que urge defender. Essa necessidade de defesa surge de uma forma muito marcada no tempo medieval através de sucessivas linhas defensivas ao longo do território. Com o Renascimento começam a surgir projectos de grande escala, com um desígnio forte de geometrização do espaço, de intervenção, de que os jardins, por exemplo, já em tempos posteriores, são a nova imagem do desejo de um território, de um novo planeta dos homens. Com o passar do tempo, com a Revolução Industrial, surgem vias de comunicação, o caminho de ferro e as estradas, antes não pensadas. A velocidade de deslocação de pessoas e mercadorias, de civilização, transforma de forma indelével a nossa própria relação com a Terra. As cidades, o último dos lugares humanos, é o reflexo de uma extraordinária capacidade de domínio do território que, por sua vez, revelam uma progressiva complexificação da estrutura social.

Esta é uma viagem breve por alguns desses lugares, pela procura do registo fotográfico como fixação de um espaço/tempo determinado e uma leitura histórica do lugar habitado, numa tentativa de compreensão da evolução do conceito de ocupação do espaço ao longo do tempo. O espaço contemporâneo, poderá aqui ter uma relevância especial. É na arquitectura contemporânea e nas grandes obras de engenharia que encontramos essa progressiva consciência de uma transformação qualificadora do espaço, onde, cada vez mais, está presente o desenho de territórios de futuro. No entanto, não podemos deixar de constatar que a transformação qualificadora da paisagem, seja ela urbana ou rural, é claramente ultrapassada pela celeridade de uma ocupação desenfreada e descontrolada dos espaços contíguos às áreas consolidadas, ou históricas, grandes cidades ou em locais de desenvolvimento recente.

Os aspectos técnicos são também muito importantes no trabalho de campo, na recolha fotográfica propriamente dita. A escolha da câmara, do formato da película, analógico ou digital, das lentes, uso ou não de tripé, todas as opções têm de ser tomadas em função da especificidade e objectivo do trabalho que vamos desenvolver. O aspecto chave neste conjunto de opções é sempre a escolha de um equipamento que nos permita fazer exactamente aquilo que pretendemos e que não nos impossibilite nenhuma tomada de vista. Além dos aspectos referidos, há outro que não posso deixar de apontar, que se prende com a natureza específica do meu trabalho. Quando exponho, edito fotografias procuro sempre um conjunto que seja coerente entre si. Que as fotografias não sejam meras imagens soltas de uma determinada realidade, mas um conjunto significativo e aberto a diversas leituras, de acordo com o receptor. É neste trabalho de selecção e escolha de fotografias que se tece um discurso, uma narrativa, que se conta uma história que se pretende que provoque no leitor uma sensibilização para as questões do território, da paisagem, da cidade, enfim, do espaço que nos rodeia. A gestão que fazemos do espaço, quer seja um

Duarte Belo

espaço individual - a nossa casa - quer seja a rua, o bairro, a cidade ou o país em que vivemos, terá que ambicionar à transformação da sociedade para uma situação de maior igualdade, de maior justiça e, conseqüentemente, de liberdade. O espaço, o progressivo entendimento dos lugares, ajudará certamente ao projecto de uma arquitectura e desenho urbano, mais qualificados, uma paisagem nova, um espaço equilibrado e humanizado. A Fotografia, pela sua capacidade de fixação do mundo visível, pode dar um contributo inestimável a essa nova realidade.



A Representação da Paisagem pela Fotografia

